CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
12 DE JULHO 2023

SESSÃO "RELAÇÕES À DERIVA"

PASSAGEM / 1992

Realização e argumento: António Borges Correia / **Direção de fotografia**: Ana Castanha / **Direção de som**: Nuno Tudela / **Montagem**: Marcelo Félix / **Decoração**: Leonor Pinela / **Interpretação**: António Fonseca (jornalista), Maria d'Aires (amiga), João Didelet (amigo)

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 3.º ano) / **Direção de produção**: Margarida Munno / **Cópia**: 16mm, cor, som magnético em *dual band*, falada em português / **Duração**: 13 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca

À DERIVA / 2000

Realização: Miguel Seabra Lopes / **Argumento**: Miguel Seabra Lopes, Luís Brás / **Assistência de realização**: Leonor Noivo / **Direção de fotografia e câmara**: Paulo Menezes / **Direção de som**: Inês Oliveira / **Direção de arte**: Eunice López / **Montagem**: Leonor Noivo, José Ricardo Matos, Miguel Seabra Lopes / **Montagem e misturas de som**: Tiago Matos / **Interpretação**: Filipe Duarte (Luís), Gracinda Nave (Teresa), Jorge Silva (Pai).

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 3.º ano) / **Direção de produção**: Julieta Pracana / **Chefia de produção**: Namir Noorali / **Laboratório**: Tobis Portuguesa / **Cópia**: 16mm, cor, som ótico, falada em português / **Duração**: 12 minutos / **Estreia**: 2000, Curtas-Metragens Portuguesa, Fórum Lisboa / **Estreia internacional**: 2000, Festival Premiers Plans Angers / Primeira apresentação na Cinemateca

UM BARCO AO LONGE / 2008

Realização: Mariana Castro, Rita Pestana / **Argumento**: Ana Queiroz / **Direção de fotografia**: Cláudio Buonfino / **Montagem**: Luís Marques da Cruz, Mariana Castro, Rita Pestana / **Voz off**: Luís Marques da Cruz / **Com**: Faroleiro Chefe Marques, Faroleiro Moreira, Faroleiro Pinto, Sr. Maria das Dores

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 2.º ano) / **Cópia**: DVCam, cor, falado em português / **Duração**: 11 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca

O CHORO DOS ILHÉUS / 2009

Realização: Laura Brasil / **Argumento**: Luís Bicudo / **Direção de fotografia**: Gonçalo Codeço / **Montagem**: Patrícia Sampaio / **Direção de som**: Levi Martins / **Com**: Luís Bicudo, Laura Brasil, Rita Cartageno, Gonçalo Codeço, Mário Gajo de Carvalho, Levi Martins

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 3.º ano) / **Direção de produção**: Mário Gajo de Carvalho / **Cópia**: DVCam, cor, falado em português / **Duração**: 16 minutos / **Estreia**: 5 de novembro de 2009, Festival de Filmes de Escola da VGIK, Moscovo / Primeira apresentação na Cinemateca

BERÇO / 2019

Realização: Inês Luís / **Argumento**: Érica Seidi, Inês Luís / **Direção de fotografia**: Luísa Seara Cardoso / **Direção de som**: Marcelo Tavares / **Direção de arte**: João Martinho / **Montagem**: Maria Eiriz / **Assistência de realização**: Clara Jost / **Música**: Pedro Gonçalves / Interpretação: Iris Cayatte (Teresa), Miguel Baltazar (Jonathan), Bruno Massay (Pierre), Jovens (Constança Villaverde Rosado, Matisse Vaivodins, Mortiz Heuwinkel, Tizian Freytag, Vikky Schäfer)

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 3.º ano) / **Direção de produção**: Luís Magina / **Chefia de produção**: Rui Ferreira / **Cópia**: Ficheiro digital, cor, falada em português, inglês e francês, legendada em português nos diálogos em língua estrangeira / **Duração**: 22 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca

A MINHA IDADE / 2014

Realização: Hugo Pedro / **Argumento**: Isabel Pestana / **Direção de fotografia**: Laura Moreno / **Captação de som**: Eduardo da Paz / **Montagem de som**: Pedro Rocha / **Mistura de som**: Francisco Costa / **Direção de arte**: Celeste Alves / **Montagem**: João Eça, Lúcia Pires / **Interpretação**: Filipa Matta (Ana), Leandro Almeida (Leandro), Cecília Pedro (Rita), Teresa Madruga (Irmã Alice), Cátia Almeida (Cátia)

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 3.º ano) **/ Direção de produção**: Celeste Alves / **Laboratório**: Dejonghe Filmpostproduction Belgium / **Cópia**: filmado em 16mm, cor, finalizado em suporte digital, a exibir em ficheiro, falado em português / **Duração**: 19 minutos / **Estreia**: 2014, Festival IndieLisboa (Competição Novíssimos) / Primeira apresentação na Cinemateca

Com a presença de António Borges Correia, Paulo Menezes e Mariana Castro.

Em 1991 a Escola Superior de Teatro e Cinema estabeleceu uma parceria com a Comissão Nacional de Luta Contra a Sida, no exato momento em que o pânico da "peste cor-de-rosa" chegava a Portugal (o primeiro caso de sida identificado em Portugal aconteceu em 1983, em 1985 haviam-se identificado trinta casos, em 1989 já eram duzentos – sendo que o pico de diagnósticos aconteceria em 1999, com 1289 novos casos). Por diferentes vias, a dita Comissão procurou espalhar alertas e difundir na sociedade não o medo, antes uma pedagogia da profilaxia, nomeadamente no uso do preservativo, e na vivência segura com o VIH. Em 1992 a ESTC produziu duas curtas-metragens sob o chapéu da Comissão, são elas **Passagem,** de António Borges Correia, e **Incompatibilidades**, de João Natividades.

O filme de Borges Correia aborda a questão da descoberta do diagnóstico, o choque, a depressão e a possibilidade de uma vida pós-contágio. O filme de Natividade trata as questões da prevenção com uma Mónica Calle que rejeita um pretendente, já entre lençóis, porque este não quer usar "camisinha". No entanto, **Passagem** vai bem mais além dos propósitos propagandísticos, apresentando-se como um filme eclético, cheio de referências (tanto populares como eruditas – isto é, tanto se vê um excerto de **The Simpsons** como se cita Alberto Caeiro), com um triângulo de personagens densas e uma série de elipses que fazem dos seus parcos treze minutos um concentrado de símbolos. Veja-se como se alude (elidindo) o suicídio, veja-se como não se fala da questão do contágio ou da sexualidade da personagem de António Fonseca, veja-se mesmo como os amigos retomam conversas sem necessidade de explicação ou contextualização do espectador. A isso junta-se um conjunto de elementos que colocam o filme bem no ar dos tempos, com especial destaque para a integração dos ecrãs, tanto da televisão como do computador. E tudo culmina num desenlace que sugere um segundo sentido, bem mais pragmático, para o título: em vez da "vida como passagem" e a efemeridade das coisas que uma doença impõe; afinal o título refere-se a uma prosaica "passagem de avião" para ir visitar Sevilha com os amigos. A infeção pelo VIH deixa de ser, necessariamente, uma sentença de morte – o que, convenhamos, no início dos anos 1990 estava bem longe de ser, como é hoje, uma realidade.

O caso de António Borges Correia é bem particular no que ao panorama dos ex-alunos da ESTC diz respeito. Por norma, quem fez a Escola de Cinema ora prossegue o seu percurso na área do cinema (mais ou menos autoral, mais ou menos comercial, mais ou menos instalativo), ora optou pelas áreas da publicidade e televisão, fazendo aí carreira. Borges Correia, pelo contrário, não optou, e escolheu ambas. Tanto começou a trabalhar em televisão logo em meados dos anos 1990 (ao longo dos anos realizou inúmeras telenovelas, programas da tarde, séries e telefilmes), como prosseguiu uma carreira de cineasta-autor, a princípio com a curta-metragem **Golpe de Asa** (selecionada para Locarno) e depois no território incerto dos *fic-docs*, com seleções em festivais como o Cinéma du réel, Doclisboa e Indielisboa. Se os dois universos não se têm cruzado, sendo as carreiras televisiva e cinematográfica disjuntas, há algo em **Passagem** de "cinema do meio", como se partir daí algo se tivesse irremediavelmente quebrado.

Por sua vez, **À Deriva**, curta de Miguel Seabra Lopes, dá não só o título a este programa, como torna evidente a recorrência da água enquanto metáfora para o desamparo e isolamento das personagens dos filmes (tanto ficcionais como documentais) e retrata outro tipo de "quebra", uma fragmentação identitária. A sofisticação narrativa desta curta-metragem ultrapassa, e muito, as limitações típicas de um trabalho escolar. Atente-se nos primeiros minutos: começamos com um grandíssimo plano do rosto de uma criança que nos olha enquanto é puxada por um adulto para dentro de água; segue-se uma sequência bastante sincopada que dá a ver uma primeira e muito acidentada aula da natação que termina no quase afogamento do menino; sem cortes a criança desmaia na areia num plano contrapicado, saindo de campo, a câmara desce e descobre (onde antes não havia vivalma) Filipe Duarte (naquele que seria o seu primeiro papel para cinema), Gracinda Nave e uma menina que é filha do casal, e percebe-se, pelo nome, que o homem é Luís, o rapazinho do desmaio. Daí em diante todo o filme se contruirá em sequências de continuidade formal, mas descontinuidade temporal, com Filipe Duarte a ser lançando para trás e para diante ao sabor dos seus traumas aquáticos (numa espécie de constante regresso à violência do parto, o primeiro dos recalcamentos). Espaço e tempo são estilhaçados, sobrando apenas o corpo e os sentidos baralhados de um homem atordoado por constantes reviravoltas (o regresso do pai morto, o tempo da gravidez dela, um casamento, um funeral?). A sucessão algo frenética de situações encadeadas denunciam a qualidade onírica de toda a empresa (a cama perdida num pantanal), que se vem a confirmar no final – numa revelação surpreendente, em jeito de epílogo inesperado, quando Gracinda Nave sussurra, não se percebe se para um Luís em coma, "estive a sonhar os teus sonhos" – culminando tudo no rosto dela ao amanhecer. Uma pequena peça de relojoaria desconcertante onde se antecipa um espaço (as margens do Tejo, a que Seabra Lopes regressa em **Dia que não vejo o Tejo não é dia**) e um interesse pelas perturbações da perceção (que reaparecem ao longo do seu trabalho em filmes como **Perímetro**, ou já em parceria com Karen Akerman, na longa **Talvez Deserto Talvez Universo**).

Mariana Castro e Rita Pestana ingressaram na ESTC em 2006 e **Um Barco ao Longe** é um exercício de segundo ano da licenciatura, onde as realizadoras apresentam um retrato da vida de um conjunto de faroleiros. Como habitualmente, estes exercícios de documentário têm apenas direito a três dias de rodagem, o que é surpreendente dada a profundidade do retrato, que consegue mergulhar nas tarefas do quotidiano e no isolamento daqueles homens (acompanhados por uma mulher, que os créditos nomeiam de Sra. Maria das Dores). Conhecendo-se o percurso futuro de Mariana Castro como fotógrafa, é impossível não encontrar aqui a semente de uma certa forma de enquadrar e – mais importante – o prenúncio de um certo gosto pelo desfoque. Aliás, o filme trabalha de forma curiosa os choques entre momentos de contemplação difusa e *raccords* violentos (uma paisagem que parece um quadro de Claude Monet seguida de uma enxada que fura sonora e vigorosamente a terra). Mas aquilo que mais surpreende neste exercício é a disjunção entre a realidade da imagem e da narração, dita pelo co-montador do filme, Luís Marques da Cruz. O tom do texto, a solenidade da récita e a desesperança das palavras contrastam com um quotidiano mundano de quem lava a roupa, come e faz as lides de manutenção do farol e da propriedade circundante. Outra "quebra", desta feita formalista, que lança o filme para o lado do comentário metafísico.

Algo semelhante acontece em **O Choro dos Ilhéus**, entenda-se, a dessintonia entre um trabalho visual eminentemente plástico e uma narração, desta feita, mais pessoal. Ao contrário daquilo que é a norma nos exercícios de escola da ESTC, em que os alunos estão obrigados a fazer as respetivas rodagens num raio de 150 quilómetros de Lisboa (por questões logísticas e orçamentais), **O Choro dos Ilhéus**, de Laura Brasil, foi rodado na Ilha Terceira. Se outros realizadores, nomeadamente do Porto (como Helena Estrela ou Joana Carneiro Reis – pensado apenas em casos recentes), tiveram autorização especial para saírem do círculo de ação da escola, a ida de uma equipa de seis alunos para o arquipélago dos Açores foi apenas possível pela proveniência da própria realizadora, açoriana, que através do envolvimento familiar conseguiu criar as condições para a viagem e estadia dos restantes cinco colegas. A experiência foi tão marcante para os envolvidos que, um ano depois, o colega Luís Bicudo, argumentista do filme,

reaproveitou os brutos da rodagem e realizou o filme **Depois do Choro**, onde reflete sobre os processos, as descobertas e os desaires de fazer cinema (naquilo que é, também, uma reflexão sobre a pedagogia da arte). Sendo também um documentário da sua rodagem, o filme de Laura Brasil acaba por se apresentar enquanto meditação na primeira pessoa sobre a insularidade enquanto ilhéu e enquanto criador de cinema em Portugal (o filme começa com uma equipa, algo perdida, a discutir como preparar um plano numa caverna). Cinema à deriva, literalmente.

A fechar a sessão, um regresso à ficção e aos exercícios de graduação. Primeiro **Berço**, de Inês Luís, depois **A Minha Idade**, de Hugo Pedro. Dois filmes sobre a maternidade, mas em sentidos opostos, num o momento da saída do filho do lar, no outro o momento do acolhimento.

Inês Luís, que terminou o curso da ESTC em 2019 realizou, já fora da Escola, a curta de 2022 **Antes de Mim, O Fim** que, até certo ponto, dá continuidade a esta curta de escola, sendo que no primeiro se tratava de um retrato ficcional da parentalidade e no filme mais recente a abordagem é documental e parte do acervo de filmes de família rodados pelos pais da realizadora. De qualquer modo, o que se nota no olhar de Inês Luís é a atenção ao lugar dos pais, sempre a partir do ponto de vista dos filhos, um lugar de enorme fragilidade e suscetibilidade. **Berço** é, a esse respeito, a demonstração da singularidade do olhar da realizadora, muito atenta às nuances das relações familiares. Sem que nunca se diga nada, percebe-se claramente as fissuras do núcleo familiar formado por uma "mãe galinha", um padrasto distante (alcoólico?) e um filho com desejo de ver mundo, conhecer pessoas e alargar o seu universo além dos limites do barco-casa onde os três vivem. O trabalho da atriz Iris Cayatte é particularmente tocante no seu naturalismo, na sua rispidez cheia de carinho e brandura. E o plano final – a fechar com o salto de um peixinho, instantes antes do corte para o negro – expressa toda a solidão de um casamento desfeito que tinha na progenitura a sua única boia de salvamento (metaforicamente, claro).

Hugo Pedro realizou, igualmente, uma curta já fora da Escola onde se prolonga em parte alguns temas de **A Minha Idade** (ainda que num tom muito distinto). Essa curta: **O Turno da Noite**, de 2017, cujo elenco conta com a atriz francesa Fanny Ardant – numa abordagem que fareja os princípios do burlesco. O que liga os dois filmes é a atriz principal, Filipa Matta, e um certo descritivo geracional. Em **A Minha Idade** a atriz interpretava Ana, uma rapariga de dezassete anos, institucionalizada, que de repente é acolhida por uma mulher mais velha, Rita, e para isso tem de abandonar o espaço que considerava seu e, mais importante, tem de abandonar Leandro, de dez anos, com o qual tinha criado um vínculo entre o fraterno e o maternal. Esta decomposição de uma família de circunstância para construir uma outra é aquilo que de mais delicado se encontra no filme de Hugo Pedro e – devo dizê-lo – é aquilo que de mais delicado se encontra no universo de todos os filmes da Escola Superior de Teatro e Cinema que pude ver até hoje. Mas dizia eu, Filipa Matta dá sequência à personagem de Ana em **O Turno da Noite**, quando dá corpo a uma recém-licenciada em teatro que, sem expetativas, trabalha como empregada de quarto num hotel de luxo. Nos dois filmes descobre-se uma geração perdida (à deriva – ainda que este seja o único filme da sessão sem água), que se vai deixando levar ao sabor dos incidentes, desprevenida e sem rumo. Até certo ponto, considerando o filme anterior de Hugo Pedro na ESTC, o documentário **Primária**, é possível recortar uma trilogia sobre a juventude, do liceu à pós-licenciatura. Fica-se a aguardar a entrada, definitiva, na idade adulta.

Ricardo Vieira Lisboa